MILHO

*As normas do **VBC** e dos preços mínimos, para a safra 1988/89, visam estimular a produção de milho, compensando a ausência de mercado externo e as deficiências da comercialização interna. A intenção de plantio, contudo, revela nítida preferência pela soja.*

O milho destacou-se entre as lavouras beneficiadas com a definição dos instrumentos de política agrícola para a safra de verão 1988/89. O governo estabeleceu o financiamento de 100% das necessidades de crédito de custeio, para todas as categorias de produtores rurais, além de aplicar prêmio de 15% sobre o preço mínimo (Cz$ 1.698/60 kg, em agosto).

Houve, assim o desejo de manter o incentivo à atividade, iniciado no último ano-safra, quando uma das incontáveis conseqüências do fracassado **Plano de Estabilização Econômica** foi justamente a retração da área de cultivo do cereal.

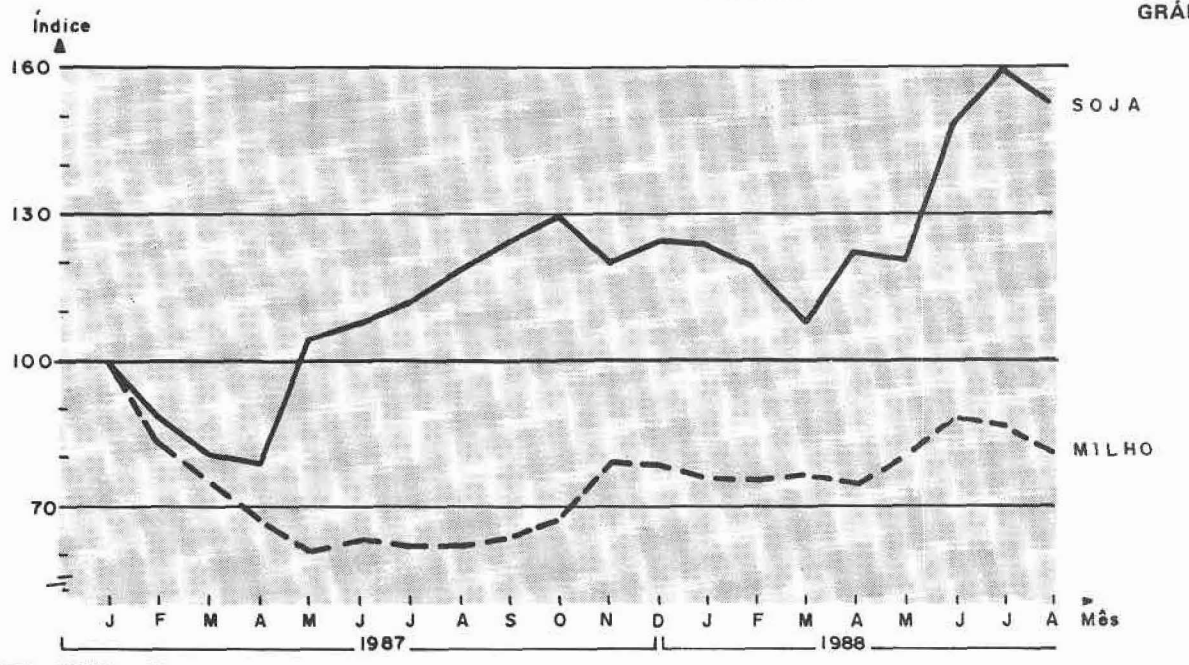
Segundo avaliação do **IBGE**, a recente colheita alcançou 24,8 milhões de t, cerca de 7% a menos do que a do ano passado. A área plantada foi 3% menor, chegando a 13,2 milhões de ha. O rendimento físico médio diminuiu 5%, aproximadamente.

As estimativas da safra 1987/88 referentes à região **Centro-Sul** espelham o desalento dos agricultores em relação ao milho, após terem comparado o comportamento de seus preços **vis-à-vis** os da soja, na comercialização da safra 1986/87 (ver Gráficos 02 e 03). Nesta região, a área colhida diminuiu 11% em 1988, relativamente ao ano anterior. As maiores retrações ocorreram no **Paraná** e **Rio Grande do Sul** (ver Quadro 04). No caso deste último, há que ressaltar as perdas derivadas da estiagem, no verão passado. A concorrência da soja, ali, foi acentuada, com sua área de plantio crescendo 9% (no **Paraná**, expandiu-se 23%!).

Registre-se que não poderia ter sido outra a reação dos produtores rurais. Afinal, além de não contarem com o suporte proporcionado pelo mercado externo, está o milho dire-

RIO GRANDE DO SUL – SOJA E MILHO – ÍNDICES[1] DE PREÇOS MENSAIS REAIS[2] RECEBIDOS PELOS PRODUTORES JANEIRO DE 1987 A AGOSTO DE 1988

GRÁFICO 02

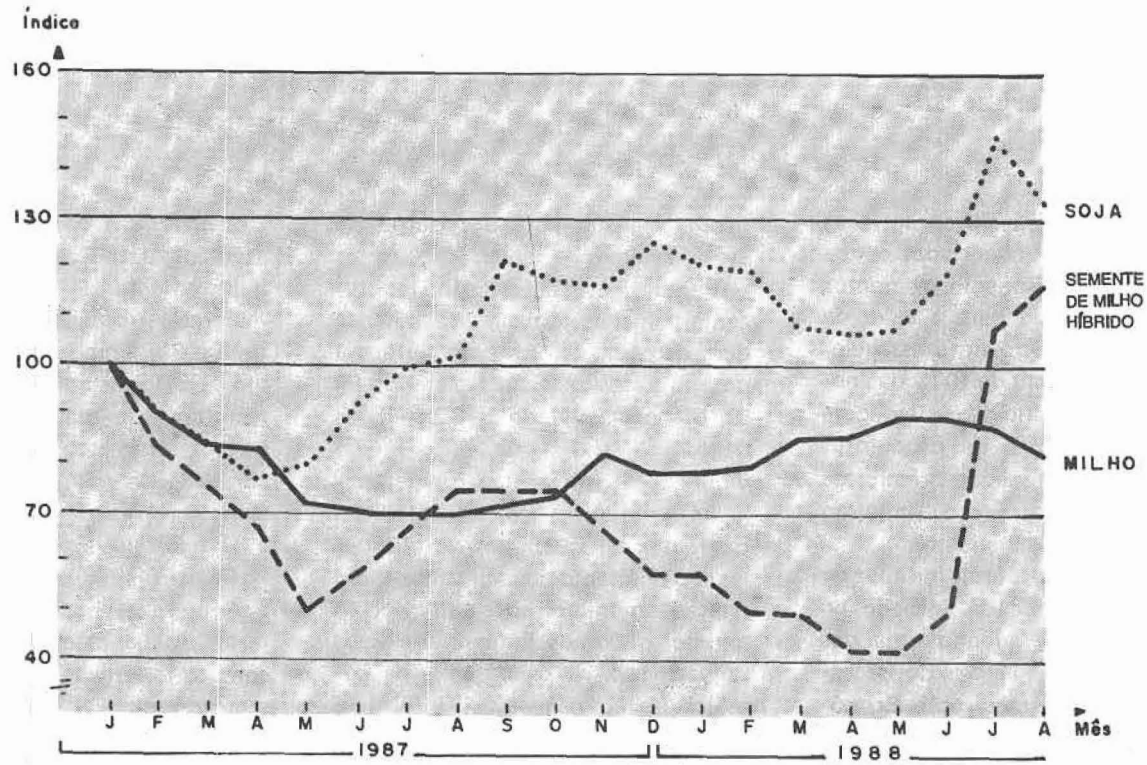


FONTE – FGV/Ibre/Cea.

1 Janeiro de 1987 = 100. **2 IGP-DI, para agosto de 1988.**

PARANÁ – ÍNDICES[1] DE PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[2] DE SOJA E DE MILHO RECEBIDOS PELOS PRODUTORES, E ÍNDICES[1] DE PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[2] DE SEMENTE DE MILHO HÍBRIDO PAGOS PELOS PRODUTORES JANEIRO DE 1987 A AGOSTO DE 1988

GRÁFICO 03



FONTE – FGV/Cea.

[1] Janeiro de 1987 = 100;

[2] IGP col. 2 Conjuntura Econômica para janeiro de 1987.

QUADRO 04 – BRASIL – ÁREA COLHIDA DO MILHO E DA SOJA EM ESTADOS SELECIONADOS – 1986 A 1988
(em mil ha)

	1986		1987				1988				Δ % 1988/1986	
ESTADO	Milho	Soja	Milho	Δ%	Soja	Δ%	Milho	Δ%	Soja	Δ%	Milho	Soja
MG	1.559	439	1.599	+ 3%	416	– 5%	1.534	– 4%	484	+16%	– 2%	+10%
SP	1.280	476	1.382	+ 8%	462	– 3%	1.266	– 8%	513	+11%	– 1%	+ 8%
PR	2.300	1.745	2.846	+24%	1.718	– 2%	2.253	–21%	2.120	+23%	– 2%	+21%
SC	924	383	1.008	+ 9%	362	– 5%	988	– 2%	412	+14%	+ 7%	+ 8%
RS	1.525	3.244	1.955	+28%	3.157	– 3%	1.619	–17%	3.436	+ 9%	+ 6%	+ 6%
MS	163	1.206	246	+51%	1.152	– 4%	234	– 5%	1.176	+ 2%	+43%	– 2%
MT	274	913	305	+11%	1.097	+20%	338	+11%	1.334	+22%	+23%	+46%
GO	926	622	1.158	+25%	545	–12%	1.112	– 4%	775	+42%	+20%	+25%

FONTE – IBGE.

tamente associado ao desempenho da avicultura e suinocultura e ambas foram duramente afetadas, em 1987, pelo descompasso entre salários e preços. A avicultura, em especial, ressentiu-se, também, de dificuldades no que se refere às exportações

A valorização **real** mensal do preço mínimo do milho da safra 1987/88, da ordem de 1,2%, teve como efeito imediato torná-lo o **balizador** do mercado, além de acarretar a retenção, pelo governo, de estoque final recorde (ver Quadro 05).

A comercialização do produto novo transcorreu com tranqüilidade durante todo o período, refletindo a tendência contracionista da suinocultura e a evolução errática da avicultura de corte, desde o início do ano.

Apenas localizadamente, no **Rio Grande do Sul**, registraram-se maiores percalços no abastecimento do cereal desde o final da colheita. Isto porque a quebra da safra local agravou a crônica diferença, da ordem de 700 mil t a 900 mil t/ano, entre oferta e demanda ali verificada, aumentando-a para cerca de 1,6 milhão de t. Além do mais, a localização dos estoques governamentais na região **Centro-Oeste** prejudicou sobretudo os consumidores gaúchos, devido à grande distância, que implica altos custos de transporte, e ao fato de o grão dali oriundo ser encarecido pela incidência de **ICM** e **Funrural** (ao contrário dos produtos mineiro e paulista, por exemplo).

Desse modo, às vésperas do plantio da safra 1988/89, as perspectivas para o milho eram nebulosas. É sabido que uma eventual expansão de sua área plantada só se daria a partir de estímulo específico, concedido pelo governo, já que o produtor tradicional é de pequeno porte, com quase nenhuma capacidade de autofinanciamento. A experiência de 1986/87 mostrou que, tendo em vista o baixo nível da tecnologia empregada por esses agricultores, um aumento da produção é mais facilmente obtenível quando ocorre interesse dos grandes produtores em investir na cultura.

QUADRO 05 – BRASIL – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE MILHO – 1985-88[1]
(em mil t)

ESPECIFICAÇÃO	1985	1986	1987	1988[1]
Estoque Inicial	2.121,0	600,0[2]	1.600,1	2.908,4
Produção	21.173,9	20.264,1	26.758,3	25.216,5
Importação	200,0	2.936,0	360,0	...
Suprimento	23.494,9	23.800,1	28.718,4	28.124,9
Consumo	21.053,0	22.200,0	25.810,0	24.720,0
Excedente	2.441,9	1.600,1	2.908,4	3.404,9

FONTE – CFP.
1 Estimativa de setembro;
2 o estoque inicial de 1986 refere-se a 1º/03/86 e o estoque final de 1985 a 31/12/85.

Foram encetados estudos, na esfera governamental, para um apoio especial ao milho, com o que as autoridades buscariam fornecer instrumentos para que se concretizasse a produção de 28,8 milhões de t, fixada pelo **Plano de Metas** para o ano-safra 1988/89.

No entanto, a evolução dos acontecimentos internacionais do mercado da soja, desde o início do ano, acoplada à quebra das safras norte-americanas de milho e de soja (ver **Agroanalysis**, volume 12, nº 9, setembro de 1988) ao dar um tom fortemente altista às cotações da leguminosa, passou a representar ameaça ao plano de apoio ao milho. Isto porque é num eventual interesse dos sojicultores por este último grão que repousam as esperanças de avanço imediato no desempenho da lavoura. Assim, ao mesmo tempo em que se divulgavam as medidas de apoio à lavoura do cereal, retirava-se grande parte do direito ao crédito de custeio subsidiado aos plantadores de soja (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 9).

A respeito deste último ponto, vale notar que a intenção do governo em estimular os produtores de maior porte a trocarem a soja (e, eventualmente, o algodão) pelo milho, transpareceu na criação de faixas específicas do acesso ao **VBC** do cereal, relativas aos maiores rendimentos físicos. Basicamente, buscou-se compensar a ausência de um forte mercado externo e as deficiências da comercialização interna, no caso do milho, por vantagem comparativa frente à soja, no crédito de custeio, via aumento do limite de financiamento para 100% a todos os produtores, ao mesmo tempo em que se contraiu fortemente o percentual deste estímulo aos sojicultores (ver Quadros 06 e 07). Ademais, a mencionada valorização extra do preço mínimo do milho destinou-se, precipuamente, a melhorar a perspectiva dos produtores quanto à lucratividade do repasse do cereal ao governo. Estes agricultores apresentam-se inseguros quanto aos ganhos no momento da venda, tendo em vista a inexistência de exportações e a grande contração do consumo dos criatórios avícola e suinícola.

É interessante observar que o corte de recursos oficiais à soja, frente a um ano antes, foi menos acentuado no caso dos grandes produtores do que no dos médios produtores, especialmente no que diz respeito aos agricultores de grande porte do **Centro-Oeste**. Aparentemente, esta medida busca a concretização do antigo projeto governamental de se criar algo semelhante a um **Cinturão do Milho** na porção meridional do país, onde se encontram as maiores fábricas de rações e se concentram as criações de aves e

QUADRO 06 – BRASIL – COMPARATIVO DO CUSTEIO EM OTN/HA NAS SAFRAS 1987/88 E 1988/89, PARA PEQUENOS, MÉDIOS E GRANDES PRODUTORES DE SOJA DAS REGIÕES SUL E SUDESTE (S-Se) E CENTRO-OESTE (C-O)

ESPECIFICAÇÃO		TAMANHO DO PRODUTOR					
		PEQUENO		MÉDIO		GRANDE	
Rendimento Físico (kg/ha)	S-Se	1.251/1.500		1.501/1.750		1.751/2.000	
	C-O*	–		1.751/2.000		2.001/2.400	
Ano-Safra		1987/88	1988/89	1987/88	1988/89	1987/88	1988/89
Limite de Adiantamento		100%	70%	70%	40%	50%	30%
Custeio obtenível de acordo com o limite (OTN/ha)	S-Se	15,25	13,20	12,82	9,01	9,83	7,26
	C-O*	–	–	20,04	10,17	11,87	8,81
Variação do Custeio Obtenível	S-Se		-13%		-30%		-26%
	C-O*		–		-49%		-26%

FONTE – CFP.
* Não se consideram os cálculos relativos ao pequeno produtor de soja no Centro-Oeste, devido a sua reduzida representatividade na região.

sulnos. Ao mesmo tempo, deslocar-se-ia a soja para as áreas mais tecnificadas do **Centro-Oeste**, já que sua *característica eminentemente* de **produto exportável** poderia compensar o entrave representado pelos maiores custos de transporte aos locais de exportação.

A despeito de todas essas medidas, a intenção de plantio da safra de verão 1988/89, até o momento, no **Centro-Sul**, tem sido de nítida preferência pela soja. Suas perspectivas de preço internacional são alvissareiras, a partir da projeção de setembro, do **USDA**, de que os estoques finais mundiais serão de tão-somente 2,7 milhões de t, ou seja, 64% e 77% a menos do que em 1987/88 e em 1986/87, respectivamente. Além disso, a maioria dos grandes plantadores de soja teria condições de autofinanciamento na parte do custeio coberta pelo crédito oficial. Em paralelo, não se descarta a possibilidade de o plantio da soja ser beneficiado pelo farto crédito oficial dedicado ao milho, através do procedimento, usual em algumas regiões, de desviar parte dos recursos para a lavoura mais rentável, utilizando-se menor quantidade de insumos ou produtos mais baratos nas menos lucrativas. Isto se verifica amiúde com os médios e grandes sojicultores do **Centro-Sul**. Para eles, semear o milho em uma parte da área disponível não representa problema e, assim, todo sojicultor pode também produzir milho.

Vale lembrar que, em muitas áreas do **Centro-Sul** onde se cultiva o milho, o preço das sementes fiscalizadas vem sendo considerado muito elevado (em torno de 6 **OTN**/40 kg). Embora as reclamações quanto a este preço sejam devidas à descapitalização do produtor, a análise da evolução dos preços **reais** pagos por este insumo no **Paraná** evidencia sua acentuada valorização, desde o início do plantio. Em agosto, por exemplo, o preço pago foi 56% superior, em termos **reais**, ao de um ano antes (ver Gráfico 03). Aparentemente, o motivo para tamanha evolução não residiria em **aperto** da oferta, já que a **CFP** estimou a produção de sementes de milho, da safra 1987/88, em 209,1 mil t[1], o que daria para cobrir cerca de 80% de uma área considerada **normal**, de 13,2 milhões de ha, com a taxa de utilização de 20 kg de semente/ha.

Um dos estados brasileiros a apresentar quadro estável no atual plantio é **Santa Catarina**, que, normalmente, conta com a área semeada da ordem de um milhão de ha. É difícil registrar expansão desta superfície, devido à sua situação fundiária, caracterizada, basicamente, por mini propriedades. Igualmente a incerteza quanto à evolução futura, tanto da avicultura quanto da suinocultura, afasta maiores expectativas quanto à comercialização do cereal.

O **Rio Grande do Sul** apresenta quadro diferente. Segundo a **Fecotrigo**, as primeiras avaliações apontam na direção de avanço de 5% na área cultivada com a soja, ao mesmo tempo em que o milho teria retração entre 8% e 12%. A entidade calculou o custo de produção do cereal em Cz$ 2.246/60 kg (preços de agosto, da lavoura mecanizada, com rendimento de 3.500 kg/ha), ou seja, 32% e 43% além do novo preço mínimo e do preço médio recebido pelos produtores no mês, respectivamente. O propósito deste cálculo parece ter si-

1 A estatística da **CFP** tomou por base a área inscrita para a produção, visto não se conhecer a área aprovada.

QUADRO 07 – BRASIL – COMPARATIVO DO CUSTEIO EM OTN/HA NAS SAFRAS 1987/88 E 1988/89, PARA PEQUENOS, MÉDIOS E GRANDES PRODUTORES DE MILHO DAS REGIÕES SUL E SUDESTE (S-Se) E CENTRO-OESTE (C-O)

ESPECIFICAÇÃO		TAMANHO DO PRODUTOR					
		PEQUENO		MÉDIO		GRANDE	
Rendimento Físico (kg/ha)	S-Se	1.701/2.100		2.501/3.000		3.501/4.000	
	C-O	2.101/2.500		3.000/3.500		4.000/4.500	
Ano-Safra		1987/88	1988/89	1987/88	1988/89	1987/88	1988/89
Limite de Adiantamento		100%	100%	100%	100%	90%	100%
Custeio obtenível de acordo com o limite (OTN/ha)	S-Se	12,52	14,76	17,41	20,04	19,66	25,87
	C-O	15,23	17,80	19,97	22,08	22,64	31,04
Variação do Custeio Obtenível	S-Se		+18%		+15%		+32%
	C-O		+17%		+15%		+37%

FONTE – CFP.
* Não se consideram os cálculos relativos ao pequeno produtor de soja no Centro-Oeste, devido a sua reduzida representatividade na região.

do o de deixar claro que, para o produtor gaúcho de maior nível tecnológico, seria contra-indicado investir no milho. Já no caso da soja, o custo de produção estimado foi igual a Cz$ 3.927/60 kg. Este valor é idêntico ao preço pago ao produtor gaúcho naquele mês. O plantio da leguminosa também se beneficia do promissor panorama do mercado externo, delineado para o próximo ano. Por outro lado, o atraso das chuvas necessárias à semeadura poderá atuar, ainda que marginalmente, de modo favorável ao milho, devido à relativa escassez, no estado, de sementes de soja de ciclos médio e tardio.

No que diz respeito ao **Paraná**, o **Deral** estimou, em termos preliminares, que a área semeada com o milho será de 2 milhões de ha, apresentando retração de cerca de 4%, frente à do ano passado. Tendo em vista, no entanto, que não se normalizaram as precipitações pluviométricas no estado, muito provavelmente este número ainda virá a se alterar. É de se observar, porém, que, pela primeira vez, o **Deral** prevê que as colheitas de soja e de milho (no caso deste último, desconsiderando-se a **safrinha**) venham a se equivaler, situando-se, na presente safra, cada uma, em torno de 5,2 milhões de t.

Em **São Paulo**, o desestímulo ao plantio do algodão definitivamente atuará em favor do milho, compensando a tendência observada, nas áreas tradicionais cultivadoras do cereal, à sua substituição por soja. Assim, as previsões iniciais são de que, no estado como um todo, a superfície ocupada com o milho fique muito próxima de 1,3 milhão de ha, isto é, semelhante ao registrado na safra passada.



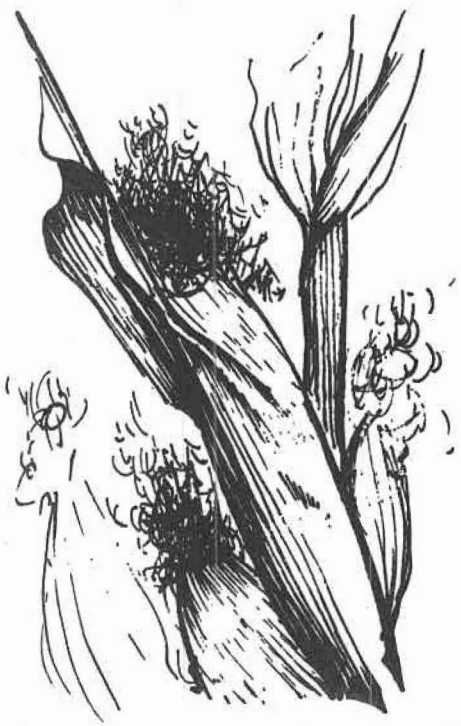
O fato de o plantio de milho em **Minas Gerais** ser normalmente realizado com atraso em relação ao dos estados sulinos, adicionado à estiagem ali verificada, impede uma avaliação quanto à tendência da semeadura. Segundo dados preliminares da **CFP**, está praticamente certo o avanço da soja no estado, que poderá chegar a 15%, ocupando primordialmente áreas antes dedicadas ao arroz de **sequeiro** e ao algodão (as retrações de área estão previstas em 7% e 17%, respectivamente). Se a regularização das chuvas demorar, a lavoura do milho levará certa vantagem sobre a da soja, devido a problemas que vêm sendo observados na qualidade das sementes da leguminosa.

No **Centro-Oeste**, importa analisar apenas a tendência no estado de

Goiás, já que a área semeada com milho em **Mato Grosso** e em **Mato Grosso do Sul** é inexpressiva. Ali há clara tendência, desde algum tempo, de predomínio da soja (em vista de razões óbvias, não se deve modificar no presente ano-safra).

A expectativa dos pequenos produtores goianos não mecanizados que, tradicionalmente, cultivam o milho e se concentram na área central do estado, é de manutenção desta atividade. Por seu turno, o previsível desinteresse pelo plantio do arroz poderá não trazer vantagens para o milho, na medida em que a orizicultura das áreas setentrionais do estado, mantida em terras consideradas "fracas", deverá ser substituída por pastagens.

Na porção sul do estado, onde o milho é cultivado em áreas de maior porte e com tecnologia, o atraso das chuvas, até fins de setembro, estava sendo encarado como prejudicial ao seu plantio: os agricultores pensavam em optar pela soja, devido ao temor de o tradicional **veranico** vir a atingir o milho em sua fase de **pendoamento**. Por outro lado, o menor crédito oficial para a soja poderá atrapalhar-lhe o plantio em áreas onde o produtor, devido à renda auferida com a pecuária, é classificado nos estratos mais elevados, embora seja de pequeno porte, no que tange à produção vegetal. Da mesma forma, alguns agricultores poderão substituir a soja pelo milho, devido à necessidade de rotação de culturas. Ou seja, é de se esperar que não haja mudança significativa em relação aos tradicionais 1,1 milhão de ha colhidos com o cereal, no estado.



No **Centro-Sul**, portanto, há o risco de queda, ainda que marginal, na área reservada para o milho, em confronto com os 7,2 milhões de ha de área colhida, nos principais estados da região, em 1988. Este panorama, caso se confirme em até 5% a redução, seria facilmente compensável por aumento semelhante na produtividade física, de 2.340 kg/ha, verificada no presente ano. No entanto, a baixa capitalização do produtor, seu temor quanto ao compromisso do pagamento de juros (ainda que subsidiados) e o mencionado registro de desvio de recursos de crédito oficial do milho para a soja, além da tendência recente de aumento real do preço das sementes certificadas do cereal, são grandes empecilhos para a obtenção deste resultado.

Além do mais, há que ressaltar que a tendência do mercado não é favorável para o produto, ao contrário do que ocorre com a soja. A não ser que se verifique reviravolta na política econômica vigente, permanecerá a tendência ao aumento da defasagem entre preços e salários, que afeta diretamente o consumo de proteínas animais. Como o estoque atual de milho é recorde, não há como se prever **aquecimento** dos preços do produto, por conta do descompasso entre oferta e demanda, a não ser que ocorra frustração acentuada da safra 1988/89. Parece acertado, pois, pensar-se que os reflexos da quebra da safra norte-americana de milho sobre o preço interno brasileiro serão de pequena intensidade, tendo em vista os inexpressivos números da produção nacional diante da norte-americana e mundial (ver Quadro 08).

QUADRO 08 – MILHO – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA[1] MUNDIAL E NOS EUA ANOS-SAFRA 1986/87 A 1988/89[2]
(em milhões de t)

ESPECIFICAÇÃO		1986/87	1987/88	1988/89
Produção	Mundo	476,9	444,7	383,4
	EUA	209,6	179,4	113,4
Oferta Total	Mundo	620,9	606,0	530,5
	EUA	312,2	303,6	224,0
Comércio Internacional	Mundo	62,6	62,6	64,7
	EUA	38,2	43,8	41,9
Consumo	Mundo	459,5	458,8	459,1
	EUA	150,0	149,2	142,5
Estoque Final	Mundo	161,3	147,2	71,4
	EUA	124,0	110,6	39,6

FONTE – USDA.
1 Estimativa de setembro de 1988;
2 estimativa para 1987/88 e projeções para 1988/89.